



# O Bairro como heterotopia? Aberturas para uma discussão sobre o espaço representado na série de Gonçalo M. Tavares

DANIEL DE OLIVEIRA GOMES

Universidade Estadual de Ponta Grossa - Paraná – setepratas@hotmail.com  
Mestre e Doutor em Literatura, pela Universidade Federal de Santa Catarina. Fez estágio sanduíche de doutoramento em Paris, sob vínculo institucional da Université de Lille III. Membro do Grupo de Estudos Blanchotianos e de Pensamento do Fora, junto à Universidade de Brasília.

ROBSON JOSÉ CUSTÓDIO

Universidade Estadual de Ponta Grossa - Paraná – robscustodio@gmail.com  
Mestre em Literatura pela Universidade Estadual de Ponta Grossa.

## Resumo

Foucault, de antemão, é um teórico com muitos caminhos para se olhar. Neste trabalho, a proposta é aproximar as teorias sobre heterotopia, daquilo que já vem sendo discutido, na composição do autor contemporâneo português Gonçalo M. Tavares: *O Bairro*; série que atualmente conta com 10 obras, e interstício para mais 29, nas quais o autor retrata o cotidiano e convívios de diferentes senhores, em um espaço criado pelo próprio Tavares a fim de habitar alguns intelectuais, como uma forma de refúgio de um mundo que não lhes cabe. Será que se consegue olhar para essas obras por uma perspectiva heterotópica? A proposta deste artigo é pelo menos realizar uma abertura dessa discussão de um espaço outro. Para isso, usa-se bases de Foucault (2015; 2002; 1999) e Vilas-Boas (2002), principalmente, que procuram permear esse diálogo sobre a exterioridade. Além disso, introduzimos esse artigo olhando para um conceito do teórico italiano Franco Moretti (2003): a geografia literária, ideia que capacita uma análise a partir de mapas na literatura.

## Palavras-chave

Heterotopia, Geografia Literária, Espaço, O Bairro, Foucault.

## Abstract

Foucault, in advance, is a theoretic with many paths to look after. The purpose here is create an approach between the theories about heterotopy following what is already been discussing on the contemporary portuguese author composition Gonçalo M. Tavares: *O Bairro*; serie that currently counts on 10 literary works, and interstice for another 29, in which the author portrays the daily life and conviviality of different *senhores* in a space created by Tavares himself in order to inhabit some intellectuals, as a form of refuge of a world that does not fit them. Is it possible to look at those literary works with a heterotopic perspective? The purpose in this article is at least to open the discussion of another space. For this, Foucault (2015, 2002, 1999) and Vilas-Boas (2002)' bases are used, mainly. In addition, we introduce this dialogue with a look at a concept of the Italian theoretician Franco Moretti (2003): literary geography, idea which enables an analysis from maps in literature.

## Keywords

Heterotopy, Literary Geography, Space, The Neighborhood, Foucault.

A série de Gonçalo M. Tavares, *O Bairro*, foi desenvolvida, inicialmente, com dez grandes intelectuais selecionados pelo autor. Há abertura ainda, já que estão representadas no mapa do espaço, para mais 29 obras. O primeiro livro refere-se ao poeta francês Paul Valéry e foi lançado em 2004. O último foi com o poeta e dramaturgo americano T. S. Eliot, em 2010. *O Bairro* é um projeto em formação. É “uma tentativa de provocar um deslocamento e uma deformação naquilo que ainda podemos chamar de ‘cena de leitura’ ou de ‘leitura crítica’ como uma forma orgânica a partir do fragmento e no que se conhece conceitualmente como bairro” (STUDART, 2012, p. 138). Esse espaço nada mais é do que um lugar para intelectuais serem representados em um mundo às avessas, de acordo com as suas perspectivas e ideologias. Durante a leitura, é possível apontar nossos direcionamentos diante de seus cotidianos irônicos e ingênuos, inteligentes e moralistas, cruéis e trágicos, demagógicos, irracionais, culturais, reflexivos, entre muitos outros. Eles são “sujeitos da contemporaneidade, complexos, fragmentados, que se escondem sob traços de ingenuidade, às vezes beirando o pueril, mas que, aos poucos, desvelam suas intrincadas maneiras de ser, mostrando seus pontos fracos, suas rupturas, suas superações” (MORAES, 2012, p. 14).

Nesse caminho, é relevante olhar para aquilo que Moretti (2003) nos apresenta, uma geografia que acredita em um estudo na literatura ou da literatura na geografia.

A literatura e a geografia formam uma relação que remete à configuração dos espaços no interior do universo ficcional. Tal configuração possibilita situar o fenômeno literário que se manifesta em romances. Dados e recursos que são familiares a geógrafos passam a ser instrumentos para a análise do estudioso da literatura. (AQUINO; HAYET; PEREIRA JUNIOR;, 2013, p. 5)

Dessa forma, a literatura se amplia ao olhar para a geografia, nas análises espaciais. “A Literatura constitui-se, portanto, num documento que conta, cria e recria um momento espaço-temporal, trazendo elementos para se pensar a sociedade e o espaço que constituam o ambiente do escritor” (MARANDOLA, 2006, 64). Assim, os autores são capazes de olhar para o espaço de onde retratam a realidade, aproximam para os seus leitores, condições que atrelem o espaço e o tempo ao que é visto na obra.

Em completude a isso, dá-se sequência observando as heterotopias foucaultianas. Elas “atuam como espaços que se encontram fora de todos os outros

espaços e mesmo assim encontram-se intrinsecamente ligados a estes” (SOUZA, 2009, p. 2). No geral, elas são espaços verossimilhantes, uma possibilidade de concretizações das utopias. São acima disso, espaços reais, alcançáveis. Diferente do que é a utopia, que se vê como um espaço totalmente irreal, uma relação de analogia direta ou inversa (FOUCAULT, 2015)

Assim sendo, guio este trabalho com a seguinte indagação: é possível determinar *O Bairro* como uma heterotopia? Para isso, uso das teorias apresentadas em Foucault (2015; 2002; 1999), delineadas também em Vilas-Boas (2002). Para tal, introduzo essas ideias com o que diz Moretti (2003) no contexto da geografia literária, e a série de Gonçalo M. Tavares.

Enfim, divido-o em três seções, além das considerações finais. A primeira contextualiza a série do autor português contemporâneo Gonçalo M. Tavares, além da sua caminhada. A segunda, inicia as discussões sobre geografia literária, a partir do que é visto na obra de Franco Moretti. Já a terceira, complementa a seção anterior aprofundando-se na heterotopologia, amparando-se nas ponderações em Michel Foucault. É importante salientar que muito deste trabalho foi composto a partir de leituras de análises heterotópicas.

## 1. *O Bairro* de Gonçalo M. Tavares

O autor nasceu em Luanda, Angola, em 1970. Ainda criança, mudou-se para Portugal. Cresceu em Aveiro, cidade portuguesa. Sua fama na escrita iniciou a partir do recebimento do prêmio José Saramago, em 2005, que foi congratulado com o discurso referido a ele pelo próprio autor de nome homônimo à premiação. “Gonçalo M. Tavares não tem o direito de escrever tão bem apenas aos 35 anos: dá vontade de lhe bater” (GATTELI, 2013). Resposta a isso, para a Saraiva Conteúdo, em entrevista cedida em junho de 2010, Tavares disse que não reflete sobre a sua trajetória, prefere estar centrado nas produções presentes e que ainda não foram publicadas.

O autor também é professor universitário em Lisboa. “Essas aulas são exercícios de pensar em voz alta”, afirma à Saraiva. E a escrita o complementa na vida. “Acho que a escrita tem a ver com uma necessidade pós-orgânica. Quando não escrevo

fico irritado, é muito próximo a um desconforto orgânico. Não escrever me obriga a sair do normal”.

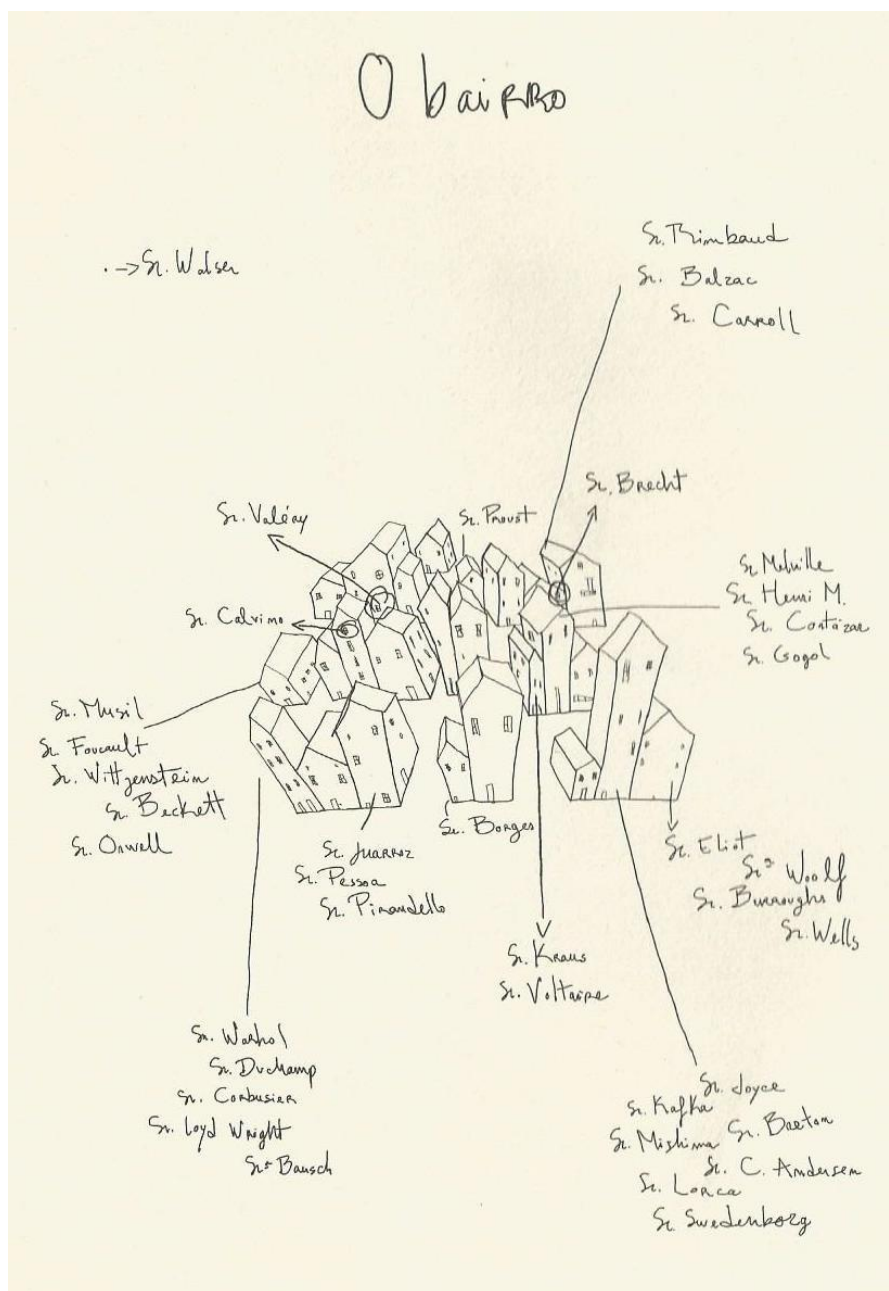
*O Bairro* criado por ele é composto por dez livros [por enquanto] e que pertencem a dez senhores escolhidos por Tavares para morarem nesse bairro fictício. Todas são narrativas curtas e que comportam diversos temas. Dos demagógicos aos cômicos e trágicos. Nessa série, questões literárias também são provocadas a se discutir; as personagens tentam conversar entre si, com as suas peculiaridades aparentes. Esse é praticamente um projeto em construção, que atrela o passado ao futuro, já que outros 29 moradores estão projetados no mapa [como podemos verificar na figura 1, abaixo].

[Esse, é] um projeto para o futuro contra o estatuto de conserva do presente e sua lógica temporal nos interregnos da vida corriqueira, um projeto a-funcional que procura reconstruir um campo de luta. Não só no fato de que temos ali moradores que estão e outros que ainda vêm e talvez alguns que se mudem ou nem venham a habitá-lo, como também na estrutura de pensamento que se constrói ali como uma comunidade anacrônica e atópica (STUDART, 2012, p.143).

#### **Relação das dez publicações:**

*O Senhor Valéry (2004); O Senhor Henri (2004); O Senhor Brecht (2005); O Senhor Juarroz (2007); O Senhor Kraus (2007); O Senhor Calvino (2007); O Senhor Walser (2008); O Senhor Breton e a Entrevista (2009); O Senhor Swedenborg (2009); O Senhor Eliot (2010);*

Figura 1: Mapa dos moradores do *Bairro*, da série criada por Gonçalo M. Tavares



Fonte: Extraída da série O Bairro

De alguma forma, os moradores podem se relacionar em um espaço que se torna diferente para nós, no entanto, a aproximação dos seres constitui essa sociedade quase utópica. Digo quase, pois esse lugar é um espaço conhecido para Gonçalo, que tenta salvar praticamente um mundo que se perde exteriormente. “Trata-se de um mundo às avessas, que molda e conforma cada um dos senhores de acordo com modelos distintos” (MORAES, 2012, p. 15). Em relação aos moradores, Moraes (2012) complementa afirmando que eles são sujeitos da contemporaneidade, complexos e

fragmentados. Nas obras, eles são mostrados com as suas fraquezas e superações. Vivem e convivem em seus cotidianos insólitos, cômicos e trágicos; “são elementos constitutivos do homem e da sociedade da pós-modernidade” (p.15). Studart (2012) traz pertinência ao trabalho literário quando o coloca como uma prosa que pode ser lida entre a fábula e o ensaio, o poema e a filosofia. “[Ele] faz uso recorrente do fragmento para imprimir sobre o corpo-escrito dos homens (moradores de um bairro) uma teoria do espaço íntimo e, ao mesmo tempo, pensá-los como componentes de uma intensidade secreta relacional” (STUDART, 2012, p. 137). Pois eles são vizinhos autônomos de seu espaço, às vezes são quase incomunicáveis. São

habitantes de universos paralelos, porém, não iguais, regidos que são por lógicas próprias, distintas, assimétricas e excêntricas de per si, circunscritas a O Bairro, vivendo fisicamente próximas, mas infinitamente distanciadas por suas idiossincrasias. Do ponto de vista comportamental, e quando assumem a posição de personagens narradores, os senhores são igualmente formais no uso da língua e minuciosos ao dar explicações. Algumas narrativas, aparentemente despretensiosas, apresentam camadas de sentido complexas, que merecem análise cuidadosa. (MORAES, 2012, p. 110)

Em primeira viagem, Gonçalo M. Tavares traz Valéry na tentativa de justificar alguns cotidianos por meio da lógica. Depois, Henri, um homem sábio que, por vezes sozinho, prefere ficar na companhia de uma garrafa de absinto; Brecht, um excelente contador de histórias convincentes, que conquista um sucesso inesperável, sem saída; Juarroz preso em seus pensamentos, alheio ao mundo, desastrado e aborrecido com a realidade, que para ele é um lugar menos importante do que suas ideias; Kraus, um cronista de jornal que, por meio de seu texto, nos faz rir dos discursos políticos cheios de interesses; ainda apresenta Calvino, um senhor que nos transpõe aos seus sonhos e conflita o real com a ficção; Walser, um ser isolado do centro do bairro, mas que se surpreende com o caos da vida; Breton que entrevista a si próprio, mas com perguntas sem respostas, que questionam por vezes os leitores; Swedenborg que, por meio de falas de seus colegas do bairro, tenta desenvolver uma análise geométrica do mundo que os cerca; e, por fim, Eliot que tem como missão realizar sete conferências analisando e interpretando versos poéticos, acompanhadas sempre pelo senhor Swedenborg.

É assim, uma série que “a cada livro procura armar duplas, duos, enxertos, zonas de contato, como uma crítica expandida, disseminada e periódica da modernidade” (STUDART, 2012, p. 138).

## 2. Geografia Literária: uma noção de espaço

Antes de apresentar de fato as discussões acerca da heterotopia de Foucault, é relevante para o que se constrói aqui olhar para um conceito atribuído pelo teórico italiano Franco Moretti: a geografia literária. Assim, n' *O Bairro*, de Gonçalo M. Tavares, essa noção pode ser enxergada a partir de outros aspectos. Para Moretti (2003), vejamos, há uma possibilidade de ter uma associação entre os estudos da geografia e os da literatura. Trata-se, basicamente, de uma manifestação da espacialidade da realidade. “Entretanto, pode se referir a duas coisas muito diferentes. Pode indicar o estudo do espaço na literatura; ou ainda, da literatura no espaço. No primeiro caso a dominante é ficcional [...]. No segundo caso, é um espaço histórico real” (MORETTI, 2003, p. 13). Sendo mais claro, os dois campos obtêm uma relação que transformam e contribuem com um ao outro. Aquilo que é comum para um agente da área passa a ser membro contributivo da outra ciência.

This attention to shared territorial space, though, is more than simply the specification of the terrain on which our story will play itself out. It is rather a means of productively drawing on the insights that spatial, topographic, or geographical aspects implicit in human institutions and practices offer. (SONDRUP, s/d, p.3 apud CUNHA, 2011, p. 41)

Assim, a Literatura, de alguma forma, pode se estabelecer como geográfico já que consegue captar temáticas voltadas ao ambiente “e pode ser uma rica fonte para os estudos geográficos, por representar o mundo de uma forma diferente da que a ciência representa, visto que, enquanto o cientista busca clareza e especificidade, o escritor busca a plenitude, o amplo e a perfeição (MARANDOLA, 2006, p. 67).

Em complemento, os mapas, segundo Moretti, (2003), conseguem nos deixar muitas dúvidas, porque ele não está ali para esclarecer, mas para gerar questionamentos e ideias. Destarte, força a nos mover diante das situações requisitadas. Isso, claro, em contraposição à conformidade dos cartógrafos, porque para eles o mapa elucida e nos diz muito mais que as palavras. Os mapas têm a força de mudar a forma como lemos um romance. “[E ele] é exatamente isso, uma ligação que se torna visível -, nos permitirá ver algumas relações significativas que até agora nos escaparam” (MORETTI,

2003, p.13). Nisso, avalia-se o recurso como uma criação de um determinado espaço na literatura; é como, portanto, delimitar uma região naquilo que se constrói referentes na história literária, uma produção de ambiente. A ideia do mapa nos remete a uma elaboração geral representativa, que cartógrafos tomam de base os territórios das nações. Escolhe-se, assim, uma área que queira representar e as projeções que se queira usar (CUNHA, 2011).

Em primeiro lugar, realçam o *ortgebunden* (literalmente, preso, ligado ou vinculado ao lugar), a natureza espacial das formas literárias: cada uma delas com sua geometria peculiar, suas fronteiras, seus tabus espaciais e rotas favoritas. Em seguida, os mapas trazem à luz a lógica interna da narrativa: o domínio semiótico em torno do qual um enredo se aglutina e se organiza (MORETTI, 2003, p. 15)

Sabemos, pois, que Gonçalo constrói um espaço fictício, baseado em um mapa, como bem visto na seção anterior, no entanto, esse lugar possui os seus pontos de indeterminação que provocam uma evasão para o pensamento na realidade. Os moradores, por exemplo, vivem em espaços reais, alcançáveis por qualquer indivíduo (grandes e pequenas casas; cafés; barbearias; ruelas e estradas, entre outros.), com a condição de que estejam nos pensamentos reflexivos do criador. Esses espaços interferem nas micronarrativas das obras, já que se criam inter-relações com o todo dali, inclusive com a vizinhança. As escolhas estilísticas, segundo Moretti (2003), são determinadas por uma posição geográfica especial. O espaço age sobre o estilo” (p. 52). É por isso que encontramos, e não só na literatura de Gonçalo, mas em tantas outras, brasileiras e portuguesas, marcações típicas de regionalidades, de relações quanto ao espaço determinado que o autor se vincula ou tenta se vincular. Moretti (2003) no conjunto, ainda concerne sobre os encontros possíveis que um espaço pode nos oferecer. Para ele, as “estradas” é o lugar preferido para os encontros casuais.

Na estrada (a ‘grande estrada’) cruzam-se num único ponto espacial e temporal os caminhos espaço-temporais das mais diferentes pessoas, representantes de todas as classes, situações, religiões, nacionalidades, idades. Aqui podem se encontrar, por acaso, as pessoas normalmente separadas pela hierarquia social e pelo espaço, podem surgir contrastes de toda espécie, chocarem-se e entrelaçarem-se diversos destinos. (MORETTI, 2003, p. 59)



Em *O Senhor Breton e a Entrevista, O Senhor Valéry e a Lógica e O Senhor Calvino*, por exemplo, vemos em certos passeios dos Senhores pelo Bairro, alguns encontros casuais nas estradas.

Nas ruas do bairro, passou pelo senhor Duchamp. O senhor Duchamp ia pensando em outra coisa. Quase nem o viu. (TAVARES, 2009, p. 29)  
Mas eis que vinha alguém com quem falar. O senhor Kraus.  
- Há uma ciência a inventar – disse o senhor Kraus, ao mesmo tempo que apertava a mão do senhor Breton. (ibidem, p. 31)

O Senhor Valéry andava pela rua com um sapato preto no pé direito e um sapato branco no pé esquerdo. Um dia disseram-lhe:  
- Trocou os sapatos.  
E riram-se. (TAVARES, 2011, p. 25)

De súbito, no entanto, foi interrompido. Quando se está a pensar (pensou Calvino) é-se interrompido como se nada estivesse a fazer, falam conosco como para um preguiçoso:  
- Senhor... onde fica a rua de Le grand?  
Calvino respondeu, de imediato. (TAVARES, 2007, p. 58)

E isso acontece em tantas outras obras na série de Tavares. Avancemos, por conseguinte, ao “outro espaço”, conceito foucaultiano que visa pensar as tais heterotopias.

### 3. A heterotopologia, segundo Foucault

Para os estudos dessa construção, baseamo-nos no conceito de Michel Foucault ao olhar nos espaços outros. No Bairro, a tentativa é estabelecê-lo como um lugar heterotópico. O conceito é delineado em Foucault (2015), entretanto é bom salientar que o autor deixa uma possibilidade de análise a esse campo, quando se busca estabelecer um sentido objetivo ao trabalho, não a vendo como uma ciência: a heterotopologia. Segundo ele,

[esse campo é] uma espécie de descrição sistemática que teria por objeto, em uma dada sociedade, o estudo, a análise, a descrição, a “leitura”, como se gosta de dizer hoje em dia, desses espaços diferentes, desses outros lugares, uma espécie de contestação simultaneamente mítica e real do espaço em que vivemos. (FOUCAULT, 2015, p. 433)

Destarte, o objeto de estudo desse campo são os outros espaços, os diferenciados. O que permite que possamos estabelecer como análise o bairro criado por

Gonçalo M. Tavares, que designou inserir num mesmo espaço, intelectuais de caminhos diversos, mas que convivem em uma mesma realidade.

A heterotopia, para Foucault, existe provavelmente em qualquer civilização; são, assim,

lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contraposicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis. (FOUCAULT, 2015, p. 432)

Em oposição a ela, temos a utopia, que “são os posicionamentos sem lugar real. São os posicionamentos que mantêm com o espaço real da sociedade uma relação geral de analogia direta ou inversa” (FOUCAULT, 2015, p. 431). Praticamente, digamos, esses espaços são uma espécie de sociedade aperfeiçoada, eles são totalmente irreais.

Ele ainda traz uma mediana entre esses dois conceitos, chamado de espelho. Ele é concomitante utopia e heterotopia, pois o vemos como um lugar sem lugar e um lugar absolutamente real, com efeito retroativo (FOUCAULT, 2015). Antes disso, em *As palavras e as coisas*, Michel Foucault tentou delinear esses conceitos a partir de um lugar-comum. Para o teórico,

as utopias consolam: é que, se elas não têm lugar real, desabrocham, contudo, num espaço maravilhoso e liso; abrem cidades com vastas avenidas, jardins bem plantados, regiões fáceis, ainda que o acesso a elas seja quimérico. As heterotopias inquietam, sem dúvida porque solapam secretamente a linguagem, porque impedem de nomear isto e aquilo, porque fracionam os nomes comuns ou os emaranham, porque arruinam de antemão a “sintaxe”, e não somente aquela que constrói as frases — aquela, menos manifesta, que autoriza “manter juntos “ (ao lado e em frente umas das outras) as palavras e as coisas. Eis por que as utopias permitem as fábulas e os discursos: situam-se na linha reta da linguagem, na dimensão fundamental da fábula; as heterotopias dessecam o propósito, estancam as palavras nelas próprias, contestam, desde a raiz, toda possibilidade de gramática; desfazem os mitos e imprimem esterilidade ao lirismo das frases. (FOUCAULT, 1999, p. XII)

Sendo assim, vemos que esses outros lugares partem de conflitos para se constituírem. As fábulas, como forma utópica, acontecem por serem construídas numa ideologia impossível. Elas “representam mundos possíveis, ainda que falando de projeções do mundo real em cenários extremados” (VILAS-BOAS, 2002, p. 95). Ao contrário da heterotopia, que visa uma imobilidade social, não sendo olhada como

monolítica. É uma forma de se tornar, talvez, mais humanos. “É justamente por meio das fissuras na estrutura e das múltiplas possibilidades e caminhos contidos na conjuntura que é possível construir-se espaços outros” (RAMOS, 2010, p. 8). Foucault (2015) afirma que nosso presente [e isso já atribuindo realmente o tempo atual] vive na época do simultâneo, da justaposição, do lado a lado e do disperso. Martins (2002) explica que nosso presente “seria aquele onde o mundo se experimenta, menos como uma grande vida que se desenvolveria através dos tempos que como uma rede que liga pontos e que entrecruza seu emaranhado” (MARTINS, 2002, p. 93). Seria basicamente as diversas relações que nós efetuamos a cada momento, experimentações de ligações que se efetivam a cada instante, com usos e significações múltiplas do mesmo lugar. Assim,

temos que as heterotopias, possuem funções bem determinadas em relação aos demais espaços, seja criando um espaço não real, mas que espelha todos os outros espaços reais, de uma forma ilusória, ou um espaço perfeito mas real, onde se encontra o contraste com todos os outros sítios desorganizados e mal construídos. (SOUZA, 2009, p. 2)

No geral, pode-se dizer que a heterotopia é determinada a partir de suas verossimilhanças, de uma possibilidade de concretização na realidade do espaço, representado no texto literário, sendo possíveis em restritas dimensões de texto (VILAS-BOAS, 2002; DAVID, 2010;). Vê-se, logo, no *Bairro* criado por Gonçalo M. Tavares, já que a representação que se dá na série compõe-se nessa perspectiva de concretização. Os senhores existem fora daquele contexto, não, é claro, com os comportamentos que são atribuídos a eles, mas nas verossimilhanças de suas vidas.

Foucault (2015) ainda define, em sua explanação, o termo posicionamento. O interessante é que a essa ideia cabe o que é proposto n’*O Bairro*. Segundo ele, “o posicionamento é definido pelas relações de vizinhança entre pontos ou elementos; formalmente, podem-se descrevê-las como séries, organogramas, grades” (FOUCAULT, 2015, p. 429). Lembremos neste momento, o que foi dito a partir de Franco Moretti, na seção anterior, a respeito dos encontros casuais, possíveis em uma estrada, por exemplo, que podem manter relações, assim, mesmo com as suas posições geográficas ou hierárquicas diferentes. “Vivemos no interior de um conjunto de relações que definem posicionamentos irredutíveis uns aos outros e absolutamente impossíveis de ser sobrepostos” (FOUCAULT, 2015, p. 431). E se assim há relações, podemos

inferir que há composições de suas identidades a partir do espaço onde se dão essas relações de vizinhança. A heterotopia aparece ligada a uma representação de uma realidade espacial, como reações, chamadas de idílios por Foucault; “seriam espaços sem lugar, pois se referem aos sonhos e aos desejos de outras situações realizáveis no âmbito da construção literária, [...] um mundo simples e sem conflitos que se oporiam à caótica representação da realidade e sua complexidade labiríntica no texto literário” (DAVID, 2010, 195). Assim, esses momentos idealizados podem ser utilizados pelo leitor para a composição de uma identidade, pois, no geral, eles são reações positivas à negatividade do mundo (VILAS-BOAS, 2002). Salientamos aqui, que um indivíduo “com suas características, sua identidade, fixado a si mesmo, é o produto de uma relação de poder que se exerce sobre corpos, multiplicidade, movimentos, desejos, forças” (FOUCAULT, 2002, p. 161). Portanto, em detrimento do espaço, região, território, além de suas descrições, ao qual o indivíduo se expõe, o saber e o poder estarão atrelados, efetuando em fatos discursivos que desembocam no poder que lhe estão ligados.

De fato, o poder em seu exercício vai muito mais longe, passa por canais muito mais sutis, é muito mais ambíguo, porque cada um de nós é, no fundo, titular de um certo poder e, por isso, veicula o poder. O poder não tem por função única reproduzir as relações de produção. As redes da dominação e os circuitos da exploração se recobrem, se apoiam e interferem uns nos outros, mas não coincidem. (FOUCAULT, 2002, p. 160)

Voltamos ao que diz Foucault nas perspectivas de relações de vizinhanças. Em um todo, as heterotopias podem ser encontradas na maioria das culturas, por isso, não é possível determinar uma única heterotopia. No entanto, ainda, a vida dos indivíduos permanece centrada nas relações de poder que são determinadas pelo espaço social. “Talvez nossa vida ainda seja comandada por certo número de oposições nas quais não se pode tocar, as quais a instituição e a prática ainda não ousaram atacar: oposições que admitimos como inteiramente dadas: por exemplo, entre o espaço privado e o espaço público” (FOUCAULT, 2015, p. 430). E isso é o que impulsiona a uma determinada sacralização do espaço, silenciosa. Todavia, nas heterotopias, essa sacralização não aconteceria, tendo como perspectiva organizações mais autônomas e não centralizadas. “Não tem a necessidade, para serem válidas, da concordância de um sistema comum, o que não quer dizer um ecletismo débil, práticas oportunistas, total permeabilidade a

qualquer proposta ou empreendimento, ou, um ascetismo plenamente voluntário” (RAMOS, 2010, p. 5). É o que se desenvolve no *Bairro* de Tavares, onde essa organização não acontece de maneira tradicional. As relações de poder são autônomas, não se percebe nenhuma determinação hierárquica presente nesse espaço.

Em *Outros Espaços*, Michel Foucault apresenta seis princípios na heterotopologia. A série de Gonçalo M. Tavares é melhor percebida no sexto princípio, onde determina que a heterotopia possui uma função em relação ao espaço restante, que se divide em dois polos extremos:

ou elas têm o papel de criar um espaço de ilusão que denuncia como mais ilusório ainda qualquer espaço real, todos os posicionamentos no interior dos quais a vida humana é compartimentalizada. Ou, pelo contrário, criando um outro espaço, um outro espaço real, tão perfeito, tão meticuloso, tão bem-arrumado quanto o nosso é desorganizado, maldisposto e confuso. Isso seria a heterotopia não de ilusão, mas de compensação, e me pergunto se não foi um pouquinho dessa maneira que funcionaram certas colônias (FOUCAULT, 2015, p. 438)

Não seria dessa última forma, portanto, que o *Bairro* se constitui? Esse espaço serve como uma espécie de colônia, também. Ou por melhor dizer, a geografia estabelecida por Gonçalo M. Tavares, mesmo que irreal, na verossimilhança do real em oposição às vidas dos moradores, aproxima-se do que diz Foucault. Há aberturas e organizações pré-dispostas para se concretizar como heterotopia.

## Considerações finais

“Cada espaço determina, ou pelo menos encoraja, sua própria espécie de história. [...] O que ocorre depende muito de onde ocorre” (MORETTI, 2003, p. 81). São nessas perspectivas que encontramos uma necessidade de observar a série de Gonçalo M. Tavares como um foco de heterotopia. Ao fim desta discussão vê-se que *O Bairro* se encaixa nessas atribuições determinantes para o estudo. Este artigo foi, como dito no título, uma abertura para algumas discussões, alguns olhares para essa hipótese. Não o damos como concluído, já que muitas outras perguntas foram construídas no desenvolvimento do trabalho e que devem ser contempladas e analisadas de forma mais aprofundada. Este artigo propõe, de fato, uma introdução, por assim dizendo, as teorias

de geografia literária e heterotopia devem ser repensadas e melhor esclarecidas com foco nas dez obras que compõem, por enquanto, a série de Tavares.

Por exemplo, será que uma heterocronia [uma perspectiva de recortes de tempos] não o definiria como heterotopia, também? Sua hierarquia do espaço pode se dar pelos tempos diversos dos senhores? E as relações de vizinhança estabelecem quais outros poderes diante dos senhores do Bairro? “Que relações de vizinhança, que tipo de estocagem, de circulação, de localização, de classificação dos elementos humanos devem ser mantidos de preferência em tal ou tal situação para chegar a tal ou tal fim?” (FOUCAULT, 2015, p. 430).

Essas questões devem ser ainda discutidas. Cabe no papel de leitor, também, propor novas indagações para que a heterotopia não se esgote. O Bairro foi determinado como heterotopia, distante de uma relação íntima com a utopia e próximo, quem sabe, de uma heterotopia do espelho.

## Referências bibliográficas

AQUINO, Ivânia Campigotto; HAYET, Lucas Flores; PEREIRA JUNIOR, Jair. O espaço na literatura: uma análise da geografia literária do primeiro romance gaúcho – A Divina Pastora. XII **Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural**, 2013, Passo Fundo: 2013. Disponível em: <<http://jornadasliterarias.upf.br/15jornada/images/stories/trabalhos-12-seminario/12-jair-pereira-junior-lucas-flores-e-ivania-aquino.pdf>>. Acesso em 05 janeiro de 2016.

CUNHA, Carlos Manuel Ferreira da. **A(s) geografia(s) da literatura**: do nacional ao global. Guimarães: Opera Omnia, 2011.

DAVID, Debora Leite. **O desencanto utópico ou o juízo final**: um estudo comparado entre A costa dos murmúrios, de Lídia Jorge, e Ventos do apocalipse, de Paulina Chiziane. Tese de Doutorado em Letras apresentado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. 8. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. Outros Espaços. (in) MOTTA, Manoel Barros da (Org.). **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. 4. ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015. p. 428-438.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder.** Trad. Roberto Machado. 17. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

GATTELI, Vanessa Hack. **O Bairro:** Aspectos teóricos da narrativa metaficcional de Gonçalo M. Tavares. Monografia de Conclusão de Curso apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

MARANDOLA, Janaína A. M. S. O Geógrafo e o Romance: aproximações com a cidade. Rio Claro: **Geografia**, v.31, p. 61-81, 2006.

MARTINS, Carlos José. Utopias e heterotopias na obra de Michel Foucault: pensar diferentemente o tempo, o espaço e a história. (in) RAGO, M; ORLANDI, L. B; VEIGA-NETO, A. (Orgs.). **Imagens de Foucault e Deleuze:** Ressonâncias nietzschianas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MORAES, Liani Fernandes de. Gonçalo M. Tavares e os seus Senhores. 2012. Tese de Doutorado em Literatura Portuguesa apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

MORETTI, Franco. **Atlas do Romance Europeu: 1800 – 1900.** Trad. Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2003.

RAMOS, Tatiana Tramontani. Heterotopias urbanas: Espaços de poder e estratégias socioespaciais dos Sem-Teto no Rio de Janeiro. Santiago: **Polis**, v. 27, abr. 2010.

SOUZA, Ana Paula Silva. A experiência da visão heterotópica: A “cegueira branca” de Saramago em Guimarães Rosa, Miguel de Unamuno. **XVII Semana de Humanidades.** Rio Grande do Norte: 2009. Disponível em: <<http://cchla.ufrn.br/shXVII/Anais/GT31/31.3.pdf>>. Acesso em 05 de novembro de 2015.

STUDART, Júlia Vasconcelos. O bairro, um projeto de crítica expandida. **Alea**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, jun. 2012, p. 134-144. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-106X2012000100010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2012000100010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 15 de dezembro de 2015.

TAVARES, Gonçalo M., Gonçalo M. Tavares, literatura como projeto de vida. **Saraiva Conteúdo.** São Paulo. 22-jun-2010. Entrevista concedida a Ramon Mello. Disponível em: <<http://www.saraivaconteudo.com.br/Entrevistas/Post/10333>>. Acesso em 10 de outubro de 2015.

\_\_\_\_\_. **O Senhor Valéry e a Lógica.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

\_\_\_\_\_. **O Senhor Calvino.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

\_\_\_\_\_. **O Senhor Breton e a Entrevista.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.

VILAS-BOAS, Gonçalo. Utopias, distopias e heterotopias na literatura de expressão alemã. (in) VIEIRA, Fátima; SILVA, Jorge Miguel Bastos da (Orgs.). **Cadernos de Literatura Comparada 6/7: Utopias**. Porto: Granito/Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, 2002.